

Uma indústria a serviço da moda

Como toda a economia brasileira, o setor do vestuário no Distrito Federal está se organizando para a entrada da nova moeda. Ainda tímido, formado basicamente por microempresas, os empresários do setor acreditam num melhor desempenho após a implantação do real. A criação de pólos de confecção, como os que foram instalados em Sobradinho e Taguatinga, mostram o potencial da cidade e embasa previsões otimistas de empresários do ramo. "O setor de confecções ainda pode crescer muito no Distrito Federal", assegura João Cordeiro Lima, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do DF.

A sazonalidade é uma das principais características deste setor da economia local. Segundo levantamento realizado pela Federação das Indústrias do DF (Fibra), as empresas que trabalham com uniformes, por exemplo, registraram um aumento de produção e vendas no primeiro trimestre do ano em função do reinício das aulas. Mas o setor de confecções, por outro lado, teve mau desempenho por uma indefinição do Governo Federal. Sem orçamento aprovado as compras da Administração Federal permanecem paralisadas. Como no Distrito Federal o maior cliente ainda é a Administração Pública, a falta de definição repercute negativamente em grande parte da economia.

O setor de confecções, segundo analisa o próprio sindicato, manteve uma certa estabilidade. Isso aconteceu, segundo balanço relativo ao primeiro trimestre feito pela Fibra, graças às liquidações comuns no início de ano. O relatório ressalta, no entanto, que houve uma redução na margem de lucro destas indústrias. Com uma tendência de queda em suas margens de lucro e na liquidez das empresas, o setor de confecções aposta no sucesso do Plano Real e na aprovação do orçamento federal (encaminhado agora em junho para o Congresso Nacional) para a retomada de crescimento do setor.

Mas enquanto isso não acontece, diversas empresas do ramo de confecções estão abandonando o Distrito Federal em busca de portos mais seguros ou, pelo menos, mais definidos em termos de política industrial. A exemplo do que ocorre com a indústria moveleira, a área do entorno tem recebido um grande número de indústrias, ainda que pequenas. Luziânia e Santo Antônio do Descoberto são cidades goianas que têm apresentado a preferência do empresariado do setor. "O estado de Goiás já tem uma política industrial definida. Preocupa-se há tempos com a formação de mão-de-obra qualificada e por isso tem apresentado resultados alentadores neste setor de sua econo-



Com um mercado formado basicamente por microempresas, a indústria de vestuários do DF está se organizando para a chegada da nova moeda



A proximidade com a estação fria cria boas expectativas no mercado

mia", ressalta João Cordeiro de Lima.

As críticas para o Governo do Distrito Federal são feitas em duas vertentes. A primeira diz respeito à falta de critérios, ou seja, de uma política industrial que dê orientação mais clara para este e outros setores da economia. Em segundo lugar vem a questão dos assentamentos. Segundo o presidente da indústria do vestuário, o governo de Joaquim Roriz tem assegurado lotes à população de baixa renda, mas tem deixado em segundo plano uma questão tão importante quanto a primeira. "Onde todo esse pessoal vai trabalhar?", indaga João Cordeiro de Lima. Ele defende a tese de que simultaneamente à instalação dos assentamentos, o GDF devia se preocupar em conceder lotes para o funcionamento de setores industriais junto a essas populações.

Segundo avaliação do empresário, problemas que o GDF vem enfrentando hoje para assegurar serviços de segurança pública, saúde e educação só devem piorar no futuro em função da inexistência de uma política de emprego. O setor de confecções surge como um setor de perfil adequado para o Distrito Federal e pode auxiliar para reduzir a taxa de desemprego no DF que tem oscilado entre 14% e 16%. Para se ter uma idéia do potencial do setor, 80% da produção é consumida no DF e os outros 20% exportados para estados vizinhos, principalmente São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso.

Com um sindicato composto por 60 empresas, o setor de confecções está se estruturando porque acredita que pode deslanchar com a chegada do real e a retomada, a médio prazo, do consumo. "Queremos dobrar o número de empresas filiadas no prazo de um ano", revela o presidente do sindicato.